

## Introdução

Uma introdução geralmente anuncia uma promessa, um contrato, como uma antecipação das questões que serão tratadas, das formas e das regras segundo as quais se irá abordá-las. Porém, devido ao tema desta dissertação, “o intruso”, ser tão fortemente relacionado à noção do “contato”, da relação com o que se coloca para além das organizações preestabelecidas, peço licença para algumas confissões iniciais. Pois, os pontos que poderia aqui apresentar e enumerar de maneira linear não existiriam sem a relação com o lugar a partir do qual foram em primeiro lugar acolhidos.

Conheci o livro *L'intrus*, que serve de base para este trabalho, sob um contexto muito específico. Lembro-me de quando, em 2005, meu irmão falou-me da sua existência, não havido ele tampouco o lido, mas, ainda assim, me transmitiu o que sabia devido à repercussão recente do livro na comunidade acadêmica da qual fazia parte na época. De pronto suas palavras causaram-me espanto. A ideia de haver um filósofo escrito um relato literário-filosófico em torno de seu próprio transplante de coração era tão forte que não havia como não ser fisgado. Foi uma longa conversa, ocorrida quando estávamos ambos na Inglaterra, onde ele então morava. O assunto nos fez compartilhar um velho e familiar sentimento de exílio, desde quando, na adolescência, saímos da casa onde crescemos; desde quando, vivendo ainda em Campos dos Goytacazes, no interior do estado do Rio, tínhamos a necessidade de confrontar os domínios do interior com outras fronteiras, vivendo e abrindo-nos a experiências de outros lugares. O livro reverberou. Era o início de uma grande paixão.

Creio que não se vive num “interior” sem o custo de ter de traí-lo. Seja ele um interior geográfico, subjetivo ou social. Como diz Marcos Siscar, crítico de Derrida e Nancy, cujo trabalho também de poesia conheci ao longo do percurso “não há silêncio que não se traia”. Assim compreendo parte desta trajetória. A experiência de haver crescido num “interior” nunca me deixou, de modo que a ideia do livro, de um interior partido, fissurado e arranhado, lugar do qual não se

pode sair ao mesmo tempo em que, estando nele, também já se está sempre fora, imediatamente provocou minha inquietude.

Foi então que, no verão seguinte, pesquisando na biblioteca da Maison de France, no Rio de Janeiro, encontrei *L'intrus* dentre os livros de Nancy e dei início à longa jornada em torno do livro, tendo de criar e lidar com os necessários distanciamentos para que aos poucos um trabalho crítico fosse possível.

Pouco depois, ainda antes de ingressar no mestrado da PUC, em 2009, dois amigos da área de cinema me mostraram o trabalho da diretora Claire Denis. Logo comecei a ler seus artigos e depoimentos e encontrei a peça chave que precisava para a montar a estrutura teórica que compõe a dissertação. Claire Denis não só tinha, como ainda tem, um intenso intercâmbio de ideias com Jean-Luc Nancy, tendo um influenciado em diversos trabalhos do outro e vice-versa, como havia feito um filme sobre o livro que eu havia lido na biblioteca da Maison. Além disso, foi em uma entrevista da própria Claire Denis que descobri ter o livro de Nancy sido feito sob encomenda de Jacques Derrida, em um projeto de discutir, na França, questões relativas à hospitalidade para com os estrangeiros - autor ao qual, através das aulas do professor Paulo Cesar Duque-Estrada, na PUC-Rio, já vinha dedicando-me desde a graduação em Letras na mesma universidade.

Aquilo que era um entusiasmo inicial começava a ganhar força e concretude. Reunindo as peças envolvidas e atentando para uma combinação singular que se desenhava entre elas, tomei a decisão de dar prosseguimento ao trabalho.

Feito este breve preâmbulo, o que temos aqui é a proposta de uma leitura acerca da questão do intruso tendo como base investigativa o próprio livro *L'intrus*, do filósofo francês Jean-Luc Nancy. A dissertação não se reduz ao livro, mas toma os seus questionamentos, assim como sua própria manifestação escrita, como o mote principal da pesquisa.

No primeiro capítulo, proponho uma introdução à questão do intruso e ao texto *L'intrus* (2000-2010) de Jean-Luc Nancy. Desdobrarei, primeiramente, um problema metodológico formulando o que chamo de uma “ferida conceitual” que perpassa a dissertação. Em seguida, investigarei o aspecto literário-testemunhal do livro relacionando a sua forma de escrita como uma manifestação do contexto histórico no qual surge. O redimensionamento da noção de sujeito está

extremamente relacionado a esta escrita. Uma vez abordado o caráter da escrita do texto, pretendo tratar o intruso sob dois vieses. Primeiramente, mostrarei como a questão compreende um intruso político e social, relacionando-o ao estrangeiro linguístico, cultural e à questão da identidade nacional. Posteriormente, tratarei a questão a partir de um estudo sobre a subjetividade, de um intruso supostamente vindo “de dentro”, um intruso imunitário, abordando o que se julga ser a condição do sujeito contemporâneo.

É necessário ressaltar que, tanto o intruso social, quanto o intruso subjetivo, são modos de compreensão intrinsecamente relacionados. Esses modos constroem-se como faces de um mesmo “organismo”, que se dá para dentro e para fora conjuntamente, assim como o tecido da própria pele, que se constitui, igualmente, para dentro e para fora. É objetivo também do capítulo apresentar ao leitor o livro *L'intrus*, de uma forma mais detalhada.

No segundo capítulo, abordarei a questão do intruso no seu aspecto predominantemente político e social, focando sua manifestação na figura do estrangeiro<sup>1</sup> e discutindo alguns temas de Jean-Luc Nancy e Jacques Derrida sobre tal figura. Neste capítulo, estenderei a mesma questão do intruso no estrangeiro apontada no primeiro capítulo, apoiando-me em outros textos de Nancy e Derrida. Não pretendo ilustrar com outras palavras o que já foi dito em *L'intrus* de forma ensaística, como se legendasse e explicasse o texto como uma obra de literatura. Retomo-o, ao lado de Derrida, por ser a questão da intrusão e a do estrangeiro um viés privilegiado em suas obras.

Aproximo, pois, a noção de hospitalidade incondicional, de abertura irrestrita ao outro, questão tão cara a Derrida em seus textos mais tardios, com a ideia de Nancy, da necessidade do que ele chama de “intrusão no estrangeiro”, ou seja, aquilo que se dá no/do estrangeiro, prezando, na relação com o estrangeiro, a tensão contida entre a rejeição, como forma de preservação de uma singularidade, e a aceitação, abertura infinita ao estrangeiro e à sua alteridade/singularidade.

---

<sup>1</sup> Ainda que, é necessário deixar claro, o político e o social, na sociedade contemporânea, para o autor do livro e da questão aqui tratada, são indissociáveis do que seria “íntimo” e “familiar” a uma construção subjetiva. Derrida, bem como Nancy, advoga por um questionamento destes limites, como esclarece na seguinte declaração, em *Da hospitalidade*: “o que está em causa, ao mesmo tempo [desarrumada], deformada, é mais uma vez o traçado da fronteira entre o público e o não-público, entre o espaço público ou político e o estar em casa individual ou familiar” (Derrida, 2003, p.45).

Abordagens paradoxais, que evidenciam os tênues e tensos limites onde fronteiras identitárias se tocam. Creio que reunindo as duas formulações de Nancy e Derrida possa refletir a respeito da seguinte pergunta, central nos dois autores e tão premente em tempos caracterizados pela homogeneização global: Como acolher, estar aberto ao estrangeiro de modo que não se apaguem as singularidades de um e outro? O que é afinal, acolher? A acolhida se faz, segundo esta investigação, por meio de um movimento paradoxal em que, para que o hóspede possa receber, é necessário abaixar a guarda da vigília, e ao mesmo tempo, manter o outro, e o outro de si mesmo, em sua diferença.

Para os autores, o estrangeiro é aquele que está “por vir”, não que necessariamente chegará e se completará, mas cuja abertura não cessa nunca. O encontro com o estrangeiro é, no momento de abertura, uma promessa de chegada, uma promessa de algo por vir. Uma abertura constante no seio daquele que o acolhe. Sendo o estrangeiro sempre o estrangeiro de alguém. O estrangeiro, muitas vezes por Derrida chamado de “hóspede”, seria referente àquele com relação ao qual provoca intrusão; não há hóspede sem hospedeiro ou vice-versa. Eles constroem-se mutuamente. O estrangeiro, em última instância, é aquele que vem de dentro, sendo assim, um estrangeiro de si mesmo, onde este si mesmo é construído na relação de abertura.

O terceiro capítulo abordará o intruso tendo como foco principal seu efeito paradoxal para a construção da subjetividade contemporânea. Isto porque observa-se a impossibilidade manifesta e crescente de fazer da reflexividade de si um retorno a si, como se consolidou pensar através de toda tradição especular na constituição do sujeito.<sup>2</sup> A partir de alguns textos de Nancy e Derrida, mais especificamente *Mal de arquivo*, *Le toucher* e o próprio *L'intrus*, proponho tratar o problema da identidade fragmentária, tendo em vista a dificuldade da relação com o intruso de si mesmo, com a diferença de si para si, uma vez que vive-se num mundo governado por leis que visam a homogeneidade, a normalização e normatização das diferenças. Trata-se, agora, dos problemas de uma assinatura fisiológica, identitária e “privada”, quando esta assinatura já é uma impressão, um atravessamento do outro em si mesmo. No caso do livro de Nancy, a medicina, a

---

<sup>2</sup> Em *Le toucher* Derrida atenta para a necessidade desta distinção: “Il faut d’abord dire *réflexivité* et non *spécularité*”. (Derrida, 2000, p.317)

técnica, o próprio bisturi, como diz Nancy, são exemplos fortes do modo como o outro imprime necessariamente sua marca em uma identidade imunológica, vulnerabilizando o sistema imunológico deste corpo e costurando-se ali onde o sujeito se “ex-propria-se” de si mesmo. A intrusão se faz como um processo fundamental e possibilita justamente a batida deste coração impossível, funcionando no desejo de origem, de propriedade e de presença.

O tema do intruso será, no segundo capítulo, focado a partir de um olhar, que, direcionado ao exterior, para digamos, “o modelo vivo”<sup>3</sup>, privilegiou uma determinada perspectiva do olhar, ainda que este olhar para o exterior tenha sido sempre interposto e desconstruído pelo intruso, ou ainda, pela intrusão sempre em processo. Trata-se de uma mudança de ponto de vista, pois agora este olhar intruso tenta tocar o espaço do “interior”, entender o traçar desta figura subjetiva e de como ela seria sempre permeada pelo traço do outro. O interior e o exterior nunca se deram a si mesmos. Ambos os espaços são invadidos por um fora de si mesmo, sendo sua existência mediada pela presença furtiva e invasiva do outro. Uma vez que a pesquisa consiste em uma investigação sobre as fissuras identitárias, trago primeiramente à discussão a noção do estranho freudiano. A partir dela, investigo como o intruso de Nancy se difere desta noção. Volto-me então ao que chamou Derrida, debruçando-se sobre a obra de Nancy e tentando encontrar nela um ponto de contato, de um “se toucher toi”, um “se tocar você”. A expressão é uma anomalia sintática de que serve-se Derrida para compreender, junto a Nancy, o que seria a impressão do outro no coração de um si mesmo. Mostrarei como esta relação com a alteridade se relaciona com o que chamou Marcos Siscar de uma “experiência visceral do coração”, buscando compreender, deste modo, como Nancy reinventa o coração deslocando o espaço do íntimo através da noção de toque, bem como a forma como se dá o toque no coração no intruso de Claire Denis.

---

<sup>3</sup> Em *Memórias de cego*, Derrida explica que quando se desenha, mesmo tendo o modelo à disposição, há de se fazer uma escolha do ponto de vista: ou bem se olha para o modelo e não se vê o que se está traçando, ou se olha para o desenho e perde-se o modelo de vista. Digamos que a escolha dessa perspectiva privilegie o olhar inclinado para o próprio desenhar. Este, mediado sempre pela presença fantasmática do outro.